



Educação nos quilombos amazônicos na perspectiva das fontes originais da educação em América Latina

Education at the amazonian quilombos
under the perspective of the original sources of education in Latin America

Por Pedro Acosta Leyva

Doutorado em Teologia (EST)

Pós-Doutorado em Educação (UNISINOS)

Resumo

O presente artigo é uma síntese da pesquisa de pós-doutorado em educação na Unisinos, que pretende analisar a educação no Quilombo de Santo Antônio, na Amazônia Legal brasileira, no Estado de Rondônia. A pesquisa teoricamente foi baseada nas fontes originais da educação latino-americana (José Martí- Paulo Freire) e os dados levantados apontam para um sistema educacional quilombola em três esferas: a educação tradicional, educação Ecovale-Quimbola e a Educação Formal.

Palavras-chave

Educação Quilombola. Quilombo de Santo Antônio. Educação tradicional.

Introdução

Estes apontamentos são uma primeira tentativa de construção teórica para uma pesquisa mais ampla sobre a história e o processo de educação nos quilombos em Rondônia, na Amazônia brasileira. Tem-se conhecimento das variadas pesquisas sobre os quilombos em Rondônia, especialmente aquelas elaboradas pelo professor Marco Teixeira, que assinalam a problemática como fato relevante e necessário para a sobrevivência das comunidades quilombolas e, ao mesmo tempo, da proteção ao meio ambiente. Mas a proposta aqui não é uma revisão bibliográfica exaustiva nem uma história da educação nos quilombos; é, sim, o levantamento das problemáticas e das categorias adequadas para uma posterior leitura do “mundo educacional

Abstract

The present article is a synthesis of a post doctorate research on education at Unisinos. It intends to analyze the education at Santo Antonio Quilombo, in the Brazilian Amazônia Legal, State of Rondônia. This research was theoretically based on the original sources of Latin American education (José Martí, Paulo Freire) and the data reveals an educational system in three spheres: traditional education, Ecovale-Quilombola Education and formal education.

Keywords

Quilombola Education. Santo Antonio Quilombo. Traditional education.

quilombola” em Rondônia desde perspectivas teóricas das fontes originais da educação latino-americanas e afro-negras. Com este objetivo, os apontamentos serão distribuídos em itens que incluem uma contextualização das mudanças no Estado de Rondônia, a ideia central das fontes originais da educação (Martí e Freire), a proposta da filosofia intercultural e uma síntese das principais linhas hermenêuticas da população africana e afrodescendente. Tentar-se-á levantar as formas como se desenvolve a educação no Quilombo Santo Antônio e quais as principais dificuldades que eles enfrentam, e como o processo de educação contribui para a sobrevivência da comunidade.

Contexto de mudança em Rondônia

Na atualidade, estes quilombos passam por um momento especial decorrente dos processos econômicos e tecnológicos por que atravessa o estado de Rondônia de forma geral. Rondônia hoje experimenta uma mudança substancial em todos os aspectos constitutivos da sociedade. A paisagem geográfica, pela força da ação antrópica, mostra transformações que abrangem desde desvio dos leitos dos rios até a formação de zona semidesértica.

Com a chegada recente de multidões de seres humanos, há favorecido um surto de modificação nos elementos culturais e sociais que tem criado novas identidades e formas estratégicas de acontecer o processo de socialização do conhecimento, em especial após a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Obras monumentais como pontes, rodovias, grandes fábricas de cimento e, sobretudo, a hidrelétrica no rio Madeira têm feito do Estado um laboratório a céu aberto do fenômeno humano. Em Porto Velho, capital de Rondônia, em 2008, as escolas de educação básica estavam estabilizadas com respeito ao número de discentes por sala de aula. Em 2010, com as avalanches de trabalhadores que constroem a usina e outros que operam nas áreas do comércio e da gastronomia, é quase impossível o ambiente escolar pela superlotação das salas de aulas.¹

A complexificação não é só um fenômeno da capital, pois nas cidades e vilas, em beira de rios e nos hotéis, assim como nas ruas e nas estradas, a movimentação humana é impressionante. Rondônia é sinônimo de mudanças e interculturalidade. As fronteiras em Rondônia serão reduzidas a três pontes: um que unirá Rondônia e Amazonas, outra que ligará com Acre e, como consequência, com Peru, e uma terceira entre Guajará-Mirim e Bolívia.²

As transformações acontecidas e em processo têm afetado a população que habita a região

amazônica em todas as áreas do viver humano. Os quilombolas não foram (nem serão) poupados destes efeitos e, portanto, a sua identidade e o modelo educacional tomam novas feições. Os quilombos do Vale do Guaporé ademais de serem afetados pelas obras citadas, também terão o elo da BR-429, que liga Presidente Médici a Costa Marques, elemento integrador de grande influência.

Dentro das mudanças nos quilombos, agora pensando nos Quilombos situados no Vale de Guaporé, está a dupla identidade: uma ONG de preservação ambiental (Ecovale), em ocasiões financiadas pela Petrobrás, e vários quilombos, sem o reconhecimento de posse da terra. Os quilombolas depois de serem isolados e abandonados à sua própria sorte por quase duzentos anos, de repente são visitados por educadores, doutores em história, antropólogos, biólogos e turistas estrangeiros falando outras línguas, vestidos com roupas estranhas, com hábitos e costumes impensados pela comunidade. Acrescente-se os intercâmbios com as autoridades brasileiras, que lhes visitam para informar que são ilegais, que não podem construir melhores casas, que não podem produzir energia elétrica, que é proibido desenvolver agricultura com propósito comercial. Na outra margem do Rio Guaporé, está a Bolívia, cuja população em sua maioria indígena ou descendentes de indígenas tem uma relação estreita com os quilombolas. Relação que inclui os empréstimos das técnicas da pesca e dos costumes de sobrevivência na selva até envolvimento no ecoturismo com os hotéis-fazendas e as ONGs bolivianas.

Em meio a este processo de mudanças e novas adequações em Rondônia, a proposta que se sugere como contribuição alternativa para minimizar os problemas atuais e outros que aparecerão é enxergar a educação como estratégia. A educação nos Quilombos do Vale do Guaporé é uma realidade que permite, para uma melhor análise, ser interpretado através três linhas hermenêuticas, a saber, a educacional das fontes originais: Martí e Freire, a afro-negritude e a filosofia intercultural. A complexidade dos Quilombos do Vale de Guaporé radica na própria natureza da comunidade que, ao mesmo tempo, é uma ONG (Ecovale) e uma

¹ Informação verbal da Profa. Dra. Tânia Brasileiro, ex-assessora de educação no município de Porto Velho.

² Revista Credis & Negócios, 2010.

comunidade quilombola. Para ambas as identidades, precisa-se um referencial único que dê conta de analisar as diferentes variáveis. No entanto, sabe-se que qualquer realidade que seja não pode ser compreendida profundamente com a utilização de um único viés. Na tentativa de abranger o estudo sobre o Quilombo, opta-se por uma interpretação baseada nos três ângulos hermenêuticos supracitados.

As fontes originais da educação na América Latina

A teoria da educação das fontes originais (Martí e Freire) constitui a espinha dorsal, o fio vermelho, da análise por se tratar de uma interpretação cujas categorias permitem explicar as diferentes tensões no interior do(s) quilombo(s) e para fora dele(s) em relação os grupos sociais que o(s) circundam, e que passam pela tribo da socialização mediada pela educação.

A primeira destas, segundo Streck, Adams e Moretti, é o antagonismo entre os modelos europeu e endógenos, em que a “[...] ideia de instrução nas letras (típica daquela trazida pelos europeus), apontando para visões endógenas que possam fortalecer a autonomia dos povos indígenas, negros e mestiços e outros grupos excluídos”.³ O modelo europeu educativo e o quilombola-afro-negro têm diferenças ponderáveis que por vezes se complementam e outras vezes se negam. No caso que se considera, ambos os modelos permanecem e a tarefa futura será analisar quais são os procedimentos, as formas organizativas, a relação docente-discente, discente-discente, escola-comunidade. Como esses dois modelos convivem, se superpõem, tencionam e se complementam? Como pode a obra de Freire e Martí contribuir para entender e para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem?

Um segundo elemento, seguindo o esquema interpretativo de Streck, Adams e Moretti, constitui

a possibilidade de “encontrar elos que nos unem como povos com uma memória comum e com possibilidades de construir um destino compartilhado”.⁴ Sabendo de antemão que o Quilombo não é só comunidade afro-negra, mas miscigenação étnica e intercâmbios de culturas indígena, brasileira e boliviana, fato passível de ser pensado na ideia de Martí que “anunciava que nossa América tinha suas raízes na mestiçagem entre índios, negros e brancos, sobre cujas bases deveria ser construído um projeto de nação, sem pretender importar modelos de fora”.⁵ O próprio Martí, afirmando os elos dos povos, diz que “entre pueblos hermanos, todas las flores deben abrirse el día del abrazo del primer amor!”.⁶

E um terceiro elemento de análise é a relação entre “emancipação e colonialidade [que] são processos que andaram e andam juntos”.⁷ Os quilombos são frutos do colonialismo, mas também são uma resposta que os coloca na categoria do processo de emancipação tanto deles como grupo étnico oprimido quanto coparticipante da emancipação geral de “Nuestra América”⁸ falada por José Martí “terrible es, libertad, hablar de ti para el que no te tiene”.⁹ Do mesmo modo, a relação colonialismo e a emancipação do quilombo leva no seu seio aquela expressão freireana da voz do oprimido tentando dizer a sua palavra. Estes princípios para análise das fontes originárias foram apresentado para o caso de Martí por Martínez Gómez na seguinte citação:

1. *Tener criterio o pensamiento propio.* Entendía que la primera de las libertades era la de la mente, por eso una de las metas supremas de la educación debía ser la de enseñar a los hombres a pensar por si mismos. Según él, “el profesor no a de ser un molde donde los alumnos echan la inteligencia y el carácter, para salir con sus lobanillos y jorobas, sino um guía honrado, que enseña de buen afelo que

⁴ STRECK; ADAMS; MORETTI, 2009.

⁵ STRECK; ADAMS; MORETTI, 2009.

⁶ MARTÍ in BATLLE, Jorge Sergio. *José Martí: aforismos.* La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006. p. 13.

⁷ STRECK; ADAMS; MORETTI, 2009.

⁸ Para estudar a formação do conceito “Nossa América” veja o livro RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as duas Américas.* São Paulo: Expressão Popular, 2006.

⁹ MARTÍ in BATLLE, 2006, p. 223.

³ STRECK, D. R.; ADAMS, T.; MORETTI, Z. C. Educação e processos emancipatórios na América Latina: reflexões a partir de José Martí. *Ecos: Revista Científica*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009. p. 413. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/715/7151278606.pdf-4>>. Vários acessos.

hay que ver, y explica su pro lo mismo que el de sus enemigos, para que se lê fortalezca el carácter de hombre al alumno, que es “La flor que no se ha de secar em el herbario de las universidades”. 2. *Vivir por si mismo, de forma independiente y con decoro*. “El verdadero objeto de la enseñanza -señalaba- es preparar al hombre para que pueda vivir por sí decorosamente, sin perder la gracia y generosidad del espíritu, y sin poner en peligro com su egoísmo y servidumbre la dignidad y la fuerza de la patria”. 3. *Investigar, relacionarse y hacer uso público de la palabra*. “Eduquese em el hábito de la investigación -planteaba-, em el roce de los hombres y em el ejercicio constante de la palabra, a los ciudadanos de una república que vendrá a tierra cuando falten a sus hijos esas virtudes”.¹⁰

Nas fontes originais da educação latino-americana, Martí e Freire, o princípio da universalidade apresenta-se de forma preponderante. Para ambos, tanto pelas vivências no exílio quanto pela teoria educativa que desenvolveram, a relação saudável entre os povos do mundo é essencial para a formação do caráter humanizado da educação.

Interculturalidade de Raul Fonet Betancourt

Na perspectiva de Martí, “a educação é, assim, um processo de auto-formação da sociedade a partir das forças que existem nela mesma e com o aporte daquilo que outros povos oferecem”.¹¹ Neste ponto da universalidade e a relação entre os povos e culturas entra a contribuição da filosofia intercultural, de Raúl Fonet-Betancourt, que propõe quatro princípios básicos, a saber, 1) evitar que o outro seja definido em categorias incompreensíveis; 2) o intercâmbio deve ser feito a nível da experiência histórica; 3) evitar o etnocentrismo e a redução do outro; 4) nunca se deve definir o outro para que a alteridade possa ser

vivenciada.¹² Um povo é universal quando sua particularidade é respeitada, reconhecida e compartilhada. No mundo atual, não há mais lugar para pensar culturas em redomas de vidro. Não existe mais a possibilidade de isolar os quilombolas. E se entende como um desrespeito a sua humanidade, uma superproteção que o coloque como alienígenas. Eles são parte do povo brasileiro com todos os direitos e deveres que isto exige; e, portanto, ao mesmo tempo são definidos na brasilidade, mas também deve ser escutada a sua autodefinição como grupo humano com uma história e em categorias compreensíveis pela comunidade quilombola.

Afro-negritude

As fontes originais da educação na América Latina e a filosofia intercultural de Fonet-Betancourt apontam como uma chave hermenêutica fundamental “as visões endógenas que possam fortalecer a autonomia dos povos indígenas, negros e mestiços”. Para preservar a autonomia dos povos, necessita-se escutar, deixar os quilombos, aos povos afro-negros na América, “dizer a sua palavra”, e isto é possível os interpretando através dos princípios e formulações da afro-negritude.

Entende-se afro-negritude como o sistema de pensamento criado pelos africanos e seus descendentes, que concentra as linhas teóricas da negritude, do panafricanismo, do afrocentrismo e da teologia negra. Onde o Panafricanismo auxilia aos afro-negros? Em primeiro lugar, a tomar consciência de sua situação de marginalização no sistema capitalista e ao mesmo tempo de seu potencial para reverter sua condição. Em segundo lugar, começa-se a definir o “nós”; esse nós disperso nas nações do mundo, que se procura juntar, congregar, fazer dele uma comunidade mais unida e organizada. Para unir esse “nós”, Garvey cria a Universal Negro Improvement Association (UNIA);¹³ e Dubois é membro-fundador da

¹⁰ MARTÍNEZ GÓMEZ, Jesús Armando. *José Martí y la educación del ciudadano para el ejercicio responsable de sus derechos en La República*. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/ccss/07/jamg.pdf>>. Vários acessos.

¹¹ STRECK; ADAMS; MORETTI, 2009.

¹² FONET-BETANCOURT, Raúl. *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*. São Leopoldo: Unisinos, 1994

¹³ DUNCAN, Quince; POWELL, Lorein. *Teoría y práctica del racismo*. San José: DEI, 1988.

American Negro Academy. Ambas as instituições procuram unir e orientar o potencial dos afro-negros do mundo; ou como concluí Elisa Larkin Nascimento: o panafricanismo elucidou as três necessidades dos afro-negros, que são: o autorrespeito como povo unido, a independência da África como centro dos povos afro-negros e a necessidade de criar instituições **autônomas**.¹⁴

A tarefa da negritude sempre foi e continua sendo definir o “*nós afro-negros*” em relação à “eles brancos”. Se existe leitura negra, poesia negra, arte negra é porque existe seu paralelo branco. Nesse sentido, a negritude se articula como uma resposta direta ao processo de colonização, como afirma Nicolás Guillén, poeta negro cubano, “a negritude [...] é uma arma contra o colonialismo, um meio de luta pela independência”.¹⁵

A negritude propõe a humanidade particular dos afro-negros. Humanidade com uma visão própria da vida, da religião, dos seres humanos em geral e das infinitas relações com o mundo. Esta visão de mundo, segundo Senghor, idealiza-se diferente da visão europeia. O afro-negro não parte de uma lente cartesiana, nem da dita razão fracionada ou como aponta o filósofo Michel Foucault da “disciplinarização do conhecimento”, em seu livro *vigiar e punir*. A interpretação do afro-negro é sensitiva, emotiva, abraça o mundo sem intermediários.¹⁶ Pensar emotivamente não significa a anulação da razão. Qualquer pessoa sabe que a razão é um elemento da natureza humana. O que expressar o conceito de “inteligência emotiva” é a relação de amor com o qual o afro-negro interage com o objeto pesquisado.

Com respeito ao afrocentrismo, Cheikh Anta Diop, intelectual senegalês (1923-1986), insiste no paradigma de ver a África como uma alta civilização com seus próprios valores éticos e culturais, suas técnicas arquitetônicas e suas formas

sociais e políticas. É África (e seus descendentes) por si mesma, analisada desde sua realidade histórica, desde seus próprios pensadores. Não há necessidade de comparar nem achar superior ou inferior a outra civilização. O objetivo é o autoentendimento através dos conceitos e construções que emanam das realidades e histórias puramente africanas e afro-latinoamericanas. Sendo assim, o afrocentrismo se ocupa de buscar e conceituar “o nós *por nós*”.¹⁷

O afrocentrismo, em linhas gerais, auxilia hermeneuticamente a partir das seguintes chaves: 1) redefinindo o Egito como uma civilização africana e negra. C. Anta Diop provou com evidências aportadas pelos autores clássicos gregos e romanos, assim como pela análise bioquímica da pele dos faraós mumificados, que os egípcios eram negros; 2) a confirmação da África berço da humanidade, tanto as indagações de Darwin e dos cientistas mais conceituados aceitam este fato; 3) a hipótese das duas matrizes civilizatórias: uma euro-semita do Norte de caráter patriarcal, guerreira, violenta, pastoril, materialista, e outra do Sul com uma modalidade político matriarcal, agricultora, solidária e mais apegada às tradições espiritual-religiosa; 4) a unidade dos povos da África, que Anta Diop corroborou com ricas evidências aportadas pela linguística aparentada dos diferentes povos, também a partir das questões religiosas e culturais.¹⁸

Metodologia

A pesquisa teve inicialmente um caráter bibliográfico, para atender o chamado martiano “leer es saber andar”.¹⁹ Fez-se uma revisão da literatura existente na área da educação, em especial as fontes originais da educação em América Latina (José Martí e Paulo Freire), assim como da filosofia intercultural e os estudos da afro-negritude. A partir do acompanhamento do grupo de pesquisa de

¹⁴ LARKIN NASCIMENTO, Elisa. *Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Vozes, 1981.

¹⁵ GUILLÉN, Nicolás. Nación y mestizaje, In: MENÉNDEZ, Lázara. *Estudios afro-cubanos*. Tomo I. La Habana: Ciencias Sociales, 1990. p. 199.

¹⁶ SENGHOR, Léopold Sedar. *Um caminho do socialismo*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 1965. p. 88-86.

¹⁷ ANTA DIOP, Cheikh. *The Cultural Unity of Black Africa: The Domains of Patriarchy and of Matriarchy in Classical Antiquity*. Chicago: Third World Press, 1978.

¹⁸ ACOSTA-LEYVA, Pedro. *Crónicas de la Afronegritud en América: la autonomía interpretativa de los afrodescendientes en la tradición cristiana*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

¹⁹ MARTÍ in BATLLE, 2006, p. 216.

Educação da UNISINOS, orientado pelo professor Danilo Streck, e da participação das apresentações dos projetos de mestrados e doutorados de vários estudantes de Educação, constatou-se que a bibliografia nestes temas está sistematizada de forma criteriosa, clara e aprofunda. Por isto, não se tentou fazer uma nova sistematização, senão que se aproveitou da já elaborada e optou-se por apontar uma síntese que oferecera a orientação suficiente para interpretar a realidade educacional nos quilombos da Amazônia.

Na segunda etapa da pesquisa, utilizou-se os métodos de Martí e Freire, nos quais, ademais da orientação teórica sistemática, a leitura do mundo se produz na experiência da vida. Em Martí, os conceitos e análise da realidade brotam da experiência colocada por escrito na forma de reportagem jornalística, como ele apontou em verso, que pode ser resumido na frase: escrevi o que apareceu aos meus olhos. Uma espécie de revelação que só pode ser acessada na cotidianidade, na relação amistosa e respeitosa com “os pobres da terra”; onde não existe espaço para encobrir injustiça, pois “calar um crime é cometer outro”.²⁰

Em termos da pesquisa atual, “uma pesquisa-ação”. A forma de apreender a realidade se processa na observação participativa e “emancipatória” dos povos colonizados. Isto Martí o apresenta de maneira narrativa tanto em sua obra jornalística quanto em grande parte de sua poesia, em especial em seus versos “sencillos”.

A mesma metodologia pode ser encontrada nas obras de Freire, especialmente, na sua obra “*Carta a Guiné Bissau*”. Nesta obra, como nas outras, Freire analisa a realidade desde sua participação dialógica. Os dados fluem na fala das pessoas envolvidas expressando sua cultura, seus valores e sua sabedoria. O conhecimento se constrói nos círculos da cultura, especialmente na cultura que visa a emancipação. Os atores sociais da educação, discente e docente, estabelecem uma

troca de saberes, uma aprendizagem a partir da “leitura do mundo”.²¹

Freire interpreta a sociedade contemporânea situada em uma circunstância e estrutura caracterizada “pela fome, pela pobreza, pelo tradicionalismo [...] pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança”.²² Sendo assim, a relação discente-docente se constitui como exercício educativo quando é tomada na perspectiva da prática político-pedagógica na caminhada da formação de uma sociedade democrática, onde as classes populares se convertem em cidadãs. Na metodologia de Freire, a pobreza e suas consequências não são empecilhos para a contribuição da sociedade com uma forte esperança na edificação dos valores da justiça, da solidariedade e da igualdade.

O processo de ensino é, ao mesmo tempo, uma ferramenta para o levantamento das condições do contexto histórico e um desafio de mobilizar as consciências, porque esta proposta “estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar, onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediado pelas experiências no mundo”.²³

Contato para a pesquisa no Quilombo

Na prática do método educativo de Freire para dialogar na sala de aula e trocar saberes, desde o ano 2008, tive contato com um acadêmico do curso de história da FIAR, no município Ariquemes-RO, chamado Libério Quintão, que se reconhecia como descendente de quilombola do Vale de Guaporé-RO. Ele, nos diálogos na matéria que eu lecionava sobre História da África, sempre falava de seus ancestrais em um tom de *griot*, uma espécie de historiador, profeta e poeta. Inspirava-se na conversa e dramatizava as façanhas, os fatos pareciam lendários e como de algum tempo fora da

²⁰ MARTÍ in BATLLE, 2006, p. 84.

²¹ FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau*: registros de uma experiência em Processo. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

²² FREIRE, Paulo. *A sombra dessa mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 1995. p. 59.

²³ FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991. p. 43. |

cronologia, um momento eterno, um instante suspeito. Como eu já tinha certa experiência na caminhada do movimento negro e na pesquisa sobre a população afrodescendente, rapidamente compreendi que se tratava de uma realidade muito interessante e me coloquei em movimento de planejamento.

Passaram vários meses de diálogo e de pesquisa teórica, mas por se tratar de lugares de difícil acesso, necessitou-se de um tempo prolongado para que finalmente, na metade 2009, acontecesse o primeiro contato na cidade de Costa Marques, com os quilombolas do Vale do Guaporé. Meses depois aconteceram várias visitas de pesquisa e de comprometimento com a comunidade quilombola de Santo Antônio.

Impressões das viagens de pesquisa (paisagem)

O Vale do Guaporé, ou melhor, os quilombos e a ONG Ecovale, por assim dizer, são uma das sinfonias mais sublimes do planeta Terra. Ali serpenteia vibrante o Rio Guaporé, que nasce na Chapada dos Parecis, em Mato Grosso, com uma massa de milhares de litros de água por minutos e uma extensão de 1.400 Km. Serena, muito suave e límpida é a água com sua diversidade de fauna e flora, que inclui cardumes de tucunarés, surubins, pescada, piararas, cachorra, pacu, tambaquis, pirapitingas, matrinchãs e outros.

Na beira do rio, as árvores anunciam as medidas da crescida no tempo da chuva que se estende de novembro a maio. Uma marca marrom escura aparece nas árvores, como um anel dizendo aos viajantes sua potência e grandeza. O ar que se respira cheira a perfume divino e sempre tem sua densidade embelezada pela música produzida pelo cantar dos passarinhos e o zumbir das abelhas.

Para chegar desde a cidade de Ariquemes até o Vale do Guaporé, que é uma espécie de paraíso encontrado, de utopia existente, foi necessário atravessar uns quinhentos quilômetros de ônibus. Na viagem, observam-se pequenas cidades, minúsculas feiras, palmeiras que só podem ser pensadas em sonhos, gado pastando em número de

centenas, homens, mulheres e crianças de todas as cores, descendentes de todos os povos da terra.

Na solidão, sem mais amigas que o capim, aparecem como bandeira içada as castanheiras. São elas a última mensagem, a forma categórica e enérgica que denuncia que um dia, outrora, existiu a floresta indômita, os centenários arbustos, as milenares e antiquíssimas árvores. Agora crescem alguns cipozinhos, muita grama que se perdem na imensidão de pontos brancos formados pelas vacas.

Perto do céu, onde a visão do real se confunde com o onírico, um cinturão verde matizado com o clarão fornecido pela luz solar se percebe cada vez mais próximo e definido. É a imagem verdadeira da floresta. Já as cidades se perdem no nada, os homens vestidos de laranja que constroem a estrada desaparecem, as vacas são em menor quantidade, o cantar das aves penetra com maior força nos ouvidos... Aparecem poças d'águas obscurecidas pela densidade de formas de vida que nela se reproduzem.

Sai-se da estrada grande, agora tudo é natureza. Alguns alaridos de bugios se escutam, as garças voam como ensaiando uma dança, surgem na paisagem árvores gigantes, som de mil insetos se deixam ouvir, uma cigarra altera a nota de “dó” para “ré”, os anus-pretos voam rasteiros e dão as boas-vindas dizendo “oioioio, néné”, um cartaz indica a entrada da ONG Ecovale.

Chega-se a uma Fazenda de um homem de coração bom, que tem oferecido desinteressadamente suas terras como linha de comunicação desde a estrada até o Rio Guaporé. Atravessada a fazenda, encontra-se o porto. Até aqui as rodas; agora os barcos. Os barcos com seus pilotos experientes e simples chegam suaves como as pequenas ondas causadas pelo ventinho que sopra da vizinha Bolívia.

Logo se zarpa e mesmo que os motores dos barcos sejam sentidos, a natureza novamente engole qualquer fadiga, qualquer barulho, qualquer cansaço. Uma praia que encanta, uma ilha nunca vista seduz, o vento no rosto acaricia, as aves-mergulhões se aproximam em uma distância de respeito; “bufff, bufff” um boto exige atenção dos

tripulantes e as garças solitárias suportadas em uma única perna fazem ostentação de equilibrista de circo ou de bailarina famosa.

Avista-se uma baía fechada por um banco de areia branca; grita o piloto do primeiro barco: “bem-vindos à ONG Ecovale!”. Desce a areia o piloto e puxa o barco até a água bater nos joelhos, sobe no barco e coloca a funcionar o motor e devagarzinho navegam. Antes de chegar à beira, um porto improvisado, aproxima-se como cumprimentando um senhor jacaré-açu com o nome de “filipão”. Ele é um membro a mais da família, todos integrantes da comunidade o tratam com carinho e reserva de respeito. A sede da ONG é uma linda e simples construção de madeira, pintada de azul como céu, levantada em palafitas e com suficiente espaço para hospedar cinquenta pessoas com vontade de ser feliz.

Resultado da pesquisa na comunidade quilombola Santo Antônio

Utilizando o método das fontes originais da educação na América Latina (Martí-Freire), a pesquisa começou com diálogo e troca de saberes. As informações iniciais sobre educação no Quilombo são produto da conversa com o educador quilombola Zeca Lula, cujo nome de registro é Sr. José Soares Neto.²⁴ A partir de sua fala, pode-se conhecer que o Quilombo Santo Antônio é parte de um conjunto sete quilombos distribuído no estado de Rondônia, como mostra a tabela publicada pela Fundação Palmares.

Comunidades quilombolas em Rondônia

UF	Município	Código IBGE	Comunidade	Data
RO	São Francisco do Guaporé	1101492	Santo Antônio	04/06/2004
RO	Costa Marques	1100080	Forte Príncipe da Beira	19/08/2005
RO	São Francisco do Guaporé	1101492	Pedras Negras	19/08/2005
RO	Alta Floresta d'Oeste	1100015	Rolim de Moura do Guaporé	20/01/2006
RO	Pimenteiras do Oeste	1101468	Laranjeiras	20/01/2006
RO	São Miguel do Guaporé	1100320	Jesus	28/07/2006
RO	Costa Marques	1100080	Santa Fé	07/02/2007
Total				7

Fonte: Fundação Cultural de Palmares

O quilombo Santo Antônio, segundo Zeca Lula, é o mais problemático dos quilombos do Vale do Rio Guaporé por uma grande razão. Este quilombo, mesmo que possua uma história de mais de duzentos anos, pois começou o processo de ocupação das terras às margens do Guaporé por volta de 1786, não pode ser reconhecido oficialmente e ter demarcadas as terras quilombolas porque ele está geograficamente no mesmo espaço da reserva biológica **Rebio do Guaporé**, criada em 1982, e que possui uma extensão de 600.000 hectares, com formações Pioneiras 43%, floresta Ombrófila Aberta 38%, floresta Ombrófila Densa 3% e Savana 16%.

Esta situação de “superposição de espaço” tem exercido um papel fundamental na educação no quilombo Santo Antônio devido à forte presença e à violência da Polícia Federal. Sob a pressão policial, tanto as crianças quanto os adultos têm criado estratégias de defesa política e ideológica, que mune a comunidade de uma consciência crítica do contexto social onde estão inseridos, o mundo que lhe rodeia. Interpretando a Freire, Streck diz que “o mundo não está simplesmente à deriva, mas o futuro aparece como uma possibilidade aberta à criatividade humana”.²⁵ Os quilombos foram obrigados a criar e estabelecer um diálogo interno que lhe permitiu formular um conceito de ecologia e também “inventar” as condições institucionais para que acontecesse o processo educativo. Nesse sentido, eles pesquisaram com ajuda e orientação dos professores da UNIR as espécies mais afetadas da região e fundaram a ONG Ecovale como espaço de organização das atividades de preservação e ensino-aprendizagem sobre a temática.

Na Ecovale, o processo educativo é também um processo político pela sobrevivência da comunidade quilombola e especialmente pela preservação das espécies em risco. Segundo os arquivos da própria Ecovale, foram devolvidos para a natureza mais de 65 mil filhotes de gaviotas e quase um milhão de filhotes de tartarugas. Ademais, o reconhecimento do trabalho de preservação que coloca a área onde eles moram

²⁴ Entrevista concedida pelo presidente atual da ECOVALE, José Soares Neto.

²⁵ STRECK, Danilo. *Correntes pedagógicas: aproximações com a Teologia*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 29.

como a mais preservada da Rebio, atrai a imprensa e a televisão, especialmente a TV Globo, que já fez vários documentários sobre a vida e os projetos da Ecovale.

A divulgação do trabalho da Ecovale pela televisão estimula os cientistas e políticos a intervir no processo da preservação da vida do quilombo Santo Antônio, com a criação do conceito de ecologia dos quilombolas, o que era um debate interno tem-se transformado uma questão nacional. O que começou com um professor (Zela Lula) e seus discentes foi tomando dimensões comunitária, municipal, estadual e nacional; e, finalmente, já várias universidades norte-americanas convidaram a Zeca Lula para oferecer palestra sobre o tema.

O trabalho de preservação é uma aprendizagem que se estabelece dialogando com informações procedentes da cultura tradicional, que conhece os nichos das espécies, os ciclos de reprodução e a geografia geral do lugar, com as informações advindas da academia sintetizadas em livros, colocada à disposição por pesquisadores da UNIR e pelos os agentes do IBAMA.

A preservação das espécies e sobrevivência da comunidade quilombola, que são socializado no processo educativo na Ecovale, tem um caráter político, isto na ideia de Martí “política é o estúdio dos diversos métodos de vida comum”.²⁶ Ou como próprio Martí afirmou “é a educação o estudo que o homem põe em guiar suas forças”.²⁷

A educação no quilombo não é uma atividade exclusivamente teórica. Preserva-se e se sobrevive na comunidade no exercício do trabalho de preservação. Freire enfatiza que teoria-prática é uma unidade, “em certo momento já não se estuda para trabalhar nem se trabalha para estudar; estuda-se ao trabalhar”.²⁸ Martí do mesmo modo afirma que “[...] a maneira de educar a criança de modo que abandonado logo entre os homens, possa aplicar suas forças educadas a um mundo

conhecido, em vez de ser cego presunçoso, carregado de letras gregas e latinas inúteis, em meio de um universo ativo”.²⁹

A unidade entre teoria e prática, que acontece no processo educativo na Ecovale, reforça-se na “educação formal”, aquela educação que é obrigação do Governo oferecer. Rosália Coelho é a professora concursada pelo município de São Francisco do Guaporé, onde politicamente se localiza o quilombo Santo Antônio. Segundo a professora Rosália Coelho, que também é quilombola, a prática e a teoria na escola interagem de diversas formas. Para as matérias que envolvem memória histórica e sociedade, o quilombo se apresenta como um livro aberto, especialmente para explicar o colonialismo e as modernas estruturas de opressão.

A professora Rosália Coelho e outros quilombolas entrevistados, incluindo informações coletadas a partir de diálogo com crianças, para falar de história e sociedade, ademais de mostrar uma pequena biblioteca em um galpão que é reconhecido como “Centro da Comunidade”, dizem que o quilombo, o sítio arqueológico indígena e as etnias Aruá, Kanoe, Makurap, Tupari são os livros abertos para o estudo.

Mesmo que o entorno seja um grande livro aberto no quilombo, ensinam-se as matérias e os conteúdos que qualquer brasileiro deve conhecer. A diferença mais significativa consiste na didática próxima a Martí e a Freire, que a professora Rosália Coelho aplica. Na escola, estão matriculadas 15 crianças com menos de 16 anos de idade, cursando as séries até o quinto ano do Ensino Fundamental. Entre estas, há duas com mais de 16 anos e, mesmo dominando os conteúdos correspondentes ao 5º ano, têm permanecido na escola só porque gostam de estudar e não têm outra opção. Também funciona precariamente o sistema modular para os discentes que ultrapassaram os 16 anos de idade com a matrícula de cinco estudantes.

Os quilombolas, e em especial a professora Rosália Coelho, apontam alguns problemas que enfrentam para um melhor proveito da educação

²⁶ MARTÍ in BATLLE, 2006, p. 321.

²⁷ MARTÍ, José. Función de la educación. In: JIMÉNEZ, Elsa Veja. *José Martí: instrucción y educación*. La Habana: Pueblo y Educación, 1999. p. 20.

²⁸ FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1985.

²⁹ MARTÍ, 1999, p. 39.

formal. O primeiro desses problemas é o espaço escolar que está desmoronando e constitui um risco de vida. Por enquanto, está sendo utilizado o Centro Comunitário Marinha Raupp, que faz parte da influência e da participação da política nacional e do personalismo da ex-senadora Marinha Célia Rocha Raupp de Matos e do ex-governador Valdir Raupp.

O segundo problema da educação formal é a falta de recursos pedagógicos adequados para uma interação com os avanços que se usufrui no Brasil. Na escola, os únicos materiais disponíveis, além de uns poucos livros, são o quadro e giz. Os moradores nunca colocaram as mãos em um computador, nem microscópio, nem nenhuma outra tecnologia que possa ajudar na compreensão da natureza e da sociedade. Os recursos audiovisuais, bem como o microscópio, segundo a professora Rosália Coelho, fariam a diferença no domínio dos conteúdos acadêmicos.

O terceiro problema da educação formal constitui a falta de incentivo para a formação continuada da professora e também o envio de outro professor, de preferência um biólogo, que contribua para fomentar a interação com o meio ambiente de forma científica. Nesse sentido, as demandas da comunidade são as mesmas das fontes originais da educação na América Latina, ao dizer de Martí: “a mente é como as rodas de carros, e como a palavra: se acende com o exercício, e corre mais ligeiro [...] esta educação natural, quiséramos para todos os países novos da América. E detrás de cada escola uma oficina agrícola”.³⁰ Uma educação formal que integre o entorno natural e social com os conteúdos programáticos pensado para a educação nacional para criar a consciência crítica que aponte para a prática da cidadania.

Os conhecimentos socializados, negociados, dialogados e intercambiados na Ecovale e na educação formal são absorvidos e ressignificados na comunidade de Santo Antônio na dinâmica da educação tradicional. Os quilombolas mais idosos comentam as histórias das origens do quilombo e as diferenças conceituais da razão deles ser

chamados “pretos do Guaporé”. Eles afirmam que “negros” são aqueles africanos ou descendentes que passaram pela escravidão. Os quilombolas de Santo Antônio, pelo contrário, são “pretos” porque nunca passaram pela escravidão senão que fugiram do colonialismo e se estabeleceram às margens do Rio Guaporé há mais de duzentos anos. Para mostrar a idade do quilombo, apresentam duas mangueiras, que segundo eles, foram plantadas pelos quatro primeiros quilombolas que ali chegaram. As mangueiras ainda não foram estudadas pelos biólogos, mas à simples visão pelo tamanho das árvores e pelas raízes que se espalham sobre o solo por uma extensão de uns oitos ou dez metros calcula-se uma idade centenária.

No quilombo existem várias tradições que pautam os valores e a espiritualidade. Os mais antigos contam sobre “aparecimentos” e “visão” de formas antropozoológica de seres da mata. De tartarugas albinas peçonhentas e de vozes escutadas na floresta que aterrorizavam no passado e que hoje raramente se ouvem. Existe também uma capela católico-romana, e dela toma nome o quilombo, Capela de Santo Antônio, que algumas vezes no ano aparece um padre para “cantar missa”. A arquitetura das casas é uma mistura de elementos indígenas com geometrias e técnicas das culturas africanas. O teto e as paredes das casas são tecidos com fibras vegetais e algumas elevadas em suportes de madeira “palafitas”. No interior, são ornamentadas com artesanatos elaborados pelas mulheres da comunidade e por fora são enfeitadas com flores penduradas em potes fabricados dos troncos das árvores. Possuem suas músicas e um ritmo entre o afro e o indígena. Na cultura alimentar, a mandioca, o peixe, o feijão, as frutas, mel de abelha e poucas vezes carne de gado constitui a dieta.

A cultura tradicional possui vários elementos e características, que serão analisados na segunda parte do estudo, mas que neste momento pode-se dizer que não estão em uma redoma de vidro. No quilombo, negociam-se diariamente muitos aspectos da cultura tradicional com a pós-modernidade. Alguns deles têm televisão e rádio, que o colocam em diálogo com a cultura

³⁰ MARTÍ, 1999, p. 67.

globalizada. O método de produção de energia é a partir de painéis fotovoltaico.

Conclusão

O processo educativo se desenvolve no Quilombo Santo Antônio em três esferas: a educação tradicional; a educação Ecovale-quilombo e a educação formal. Todas estão em uma constante transformação e troca de informações, que coloca o quilombola em uma desesperada procura por um modelo sustentável. Ao mesmo tempo em que deseja se modernizar, sinônimo de capitalizar, entrar na disputa do comércio e da venda dos produtos para usufruir dos “confortos” do capitalismo; eles também, estão obrigados pelas circunstâncias geográficas a permanecer na economia tradicional de subsistência, que não afeta o meio ambiente e que não lhe produz dificuldade com a polícia ambiental.

Os quilombolas, por outro lado, e a partir da educação na Ecovale, compreendem que a melhor forma para sobreviver como comunidade integrada à natureza é a necessária preservação dos recursos naturais. E sua possibilidade de desenvolvimento vai depender absolutamente de uma educação, que como Martí e Freire apontavam, seja capaz de criar uma consciência cidadã, onde os conhecimentos teóricos e o trabalho cotidiano formem uma unidade.

[Recebido em: maio 2012 e
aceito em: maio 2012]